



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Marra e Rosa, Gabriel Artur; Rodrigues dos Santos, Benedito; de Paula Faleiros, Vicente
Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook
Psicologia USP, vol. 27, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 263-272

Instituto de Psicologia

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305146816013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook

Gabriel Artur Marra e Rosa^{a*}
Benedito Rodrigues dos Santos^b
Vicente de Paula Faleiros^b

^aUniversidad del Salvador. Facultad de Psicología e Psicopedagogía. Buenos Aires, Argentina

^bUniversidade Católica de Brasília. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. Brasília, DF, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a relação entre o mundo real e o virtual com base na perspectiva dos jovens usuários da maior rede social do mundo, o Facebook. Para a consecução do objetivo, esta pesquisa ouviu, por meio de entrevistas semiestruturadas, dez jovens usuários de ambos os sexos residentes no Distrito Federal. Os dados foram analisados sob a perspectiva interdisciplinar, particularmente respaldada em teorias interpretativas oriundas da psicologia social e da antropologia sociocultural. Evidenciou-se que os participantes concebem essas duas categorias como distintas uma da outra, na medida em que cada uma possui suas especificidades e relações de diferença e de similaridade. Constatou-se ainda que as vivências subjetivas dos sujeitos pesquisados acabam criando uma espécie de continuum cuja existência encontra-se justaposta entre cada um desses ambientes, tornando opacas ou movediças as fronteiras entre ambos.

Palavras-chave: Facebook, subjetividade, redes sociais, real, virtual.

Introdução

O debate sobre a relação entre ambientes reais e virtuais antecede o advento da internet (Lévy, 1996). Por exemplo, no campo da Filosofia, Bergson (1957) ressaltou a coexistência da virtualidade e da realidade na relação entre passado e presente, relação que se concretiza na conexão direta entre percepção e memória. Em sua concepção, a virtualidade está presente em cada ato em que percebemos algo, pois nos remetemos diretamente à nossa memória, aos acontecimentos, aos sentimentos e às sensações que existem, mas que são impalpáveis, incomensuráveis e que coexistem com a realidade no plano da virtualidade, dando sentido ao que percebemos.

Contudo, com o surgimento da internet e das redes sociais, quando grandes contingentes da população mundial começaram a interagir entre si em ambientes tradicionalmente denominados “virtuais”, esse debate sobre a relação entre as duas categorias foi ampliado (Castells, 1996; Nicolacida-Costa, 2002, 2003). Assim, essa relação entre ambientes reais e virtuais tornou-se tema recorrente em debates entre acadêmicos e entre usuários de redes multitudinárias, como o Facebook. A motivação desta pesquisa se deu em razão do entrave, no âmbito do debate acadêmico, provocado por duas perspectivas antagônicas e, ao mesmo tempo, limitantes: a que vê essa relação de forma dicotomizada e a outra que, na busca de superação dessa dicotomia, termina por deixar de reconhecer as especificidades de cada uma dessas duas categorias e a relação existente entre elas.

No caso específico das redes sociais virtuais, esse assunto se revigorou e passou a ser ainda mais polêmico em decorrência da possibilidade da criação de um perfil virtual, que representa o usuário nesse ambiente e que proporciona interações com pares, deixando de lado a necessidade do contato direto da interação presencial ou face a face. Por sua vez, a cotidianidade das interações facilitadas pelas tecnologias de informação e comunicação, particularmente por meio das redes sociais, faz com que milhões de pessoas passem parte considerável do seu dia em ambientes usualmente denominados “virtuais”. Essa presença do virtual no dia a dia dos indivíduos e do real no virtual nos estimula a perguntar se existiria, de fato, uma separação entre esses dois termos – real e virtual –, uma vez que ambos são categorias de pensamento socialmente construídas e suas características podem ser equiparadas. Ou, ainda melhor, voltando a atenção para o objeto deste artigo, nos estimula a perguntar: como os próprios usuários dessas redes sociais, particularmente do Facebook, concebem a relação entre essas duas categorias? Com a finalidade de responder a essa pergunta, examinamos simultaneamente a literatura acadêmica e o depoimento dos usuários do Facebook por meio de entrevistas semiestruturadas.

A palavra “virtual” provém, etimologicamente, do latim medieval *virtualis*, por sua vez, derivada de *virtus*, que é definido como virtude ou como valor ou força comprovada na ação. Lévy (1996) a considera como potência, como o que está associado a potencial, a possível, a eventual. Na internet, o virtual está vinculado a uma experiência de comunicação que envolve o visual, o tático, o auditivo, o sensório. Trata-se de um ambiente socialmente

* Endereço para correspondência: gabriel_marra@hotmail.com

construído pela interação tecnológica. A palavra “real”, por outro lado, é oriunda também da definição do latim medieval *realis*, que procede de *res* (coisa).

As raízes etimológicas de ambas as palavras demarcam, assim, uma diferença entre possível ou valorado e coisa observada ou vivida presencialmente. A primeira abrange, por exemplo, a memória, o conhecimento e a imaginação (Serres, 1994). A segunda remete, supostamente, à realidade circundante com base na evidência empírica e no hábito que engendra o consenso legitimador sobre o que é real no cotidiano das pessoas (Bourdieu, 1977). Embora valor, virtude, e coisa não sejam necessariamente categorias opostas, o real e o virtual terminaram ganhando representações dicotomizadas, de termos radicalmente distintos um do outro, a ponto de não se pensar similaridades entre eles. De acordo com Lévy (2000), existe uma tendência em conceber o que é virtual como tudo aquilo que é irreal, falso, ilusório e imaginário. Esse ponto de vista, para o autor, corresponde ao senso comum e tende a ser a acepção mais utilizada no cotidiano, em contraposição à noção de real como o que tem uma presença e, portanto, existe de fato.

Em uma primeira leitura da análise de Heidegger (1926/2012) sobre a pre-sença, pode-se ter a impressão que ela fortalece essa visão dicotômica. O autor assinala que as características da pre-sença são sempre modos possíveis de ser, mas que o caráter de facticidade ou de factualidade fundado em um ser corpóreo (*körperlichkeit*) é o critério primordial para que o ser se relate com o mundo e com os outros: “Se o ser-no-mundo é uma constituição fundamental da presença em que ela se move não apenas em geral, mas, sobretudo, no modo da cotidianidade, então a presença já deve ter sido sempre experienciada onticamente” (Heidegger, 1926/2012, p. 106). Com base nessa concepção, evidencia-se que o real tende, *ipso facto*, a ser designado tal como o ser, como aquilo que possui uma corporeidade (*leiblichkeit*) ou uma existência física. No entanto, Heidegger (1926/2012) considera também poder-se interpretar o próprio ser.

Há uma acepção de virtualidade considerada impalpável e inexistente de fato. Nessa perspectiva, a dicotomia entre real e virtual termina por se recriar na relação entre objetivo e subjetivo. Diante da existência de algo não palpável, percebemos que essa suposta dicotomia está condicionada, por conseguinte, à relação entre o que se concebe como objetivo (o que é palpável, evidente) e subjetivo (o que, frequentemente, é associado ao impalpável, ao imaterial). Essas definições exaltam a existência de uma suposta fronteira delimitadora entre a realidade e a virtualidade, que termina por delimitar o campo do virtual ao que se concebe como falso, como ilusório ou como imaginário. O imaginário, nesse sentido, foi também confundido com ilusão. Como assinala Durand (2002), “há, no pensamento ocidental, uma constante tradição em desvalorizar, ontologicamente, a imagem e, psicologicamente, a função da imaginação como fomentadora de erros e falsidades” (p. 21).

No entanto, a própria Filosofia nos apresenta visões que buscam contrapor essa dicotomia, as quais fornecem

sustentação para os argumentos que aqui desenvolveremos. Deleuze (1996) contribui para mover os polos dessa dicotomia, e alega que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual concebido como estático e definido: “Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro e todos rodeando e reagindo sobre o atual” (p. 49). Tal como assinalado por Deleuze, o chamado mundo virtual permeia o que concebemos como real, constituindo-se condição de possibilidade para o atual. Nesse sentido, Deleuze (1996), Lévy (1996) e Bergson (1957) utilizam a concepção de virtual como potência que existe sem estar presente, ou melhor, que existe sem ter presença física. Consequentemente, infere-se que o real não se reduz ao que é palpável, em uma perspectiva positivista.

Apesar da força imagética da concepção de virtual como virtude, como potencialidade ou mesmo como potência que existe sem ser presente, o parâmetro de distinção continua sendo a presença. Entretanto, pode-se perguntar: quando interagimos com as pessoas via redes sociais, elas não estão presentes de alguma maneira? Essa forma diferente de estar presente por meio da imagem, da voz e da escrita, sem o quesito corporal, vai de encontro às concepções de Deleuze (1996) e de Lévy (2000), segundo as quais o comparecimento físico não é o único critério de maior confiabilidade para se conceber o que é real e o que existe de fato.

Outro caminho oferecido pela Filosofia que, em realidade, torna sem sentido o debate sobre a relação entre o real e virtual, é a perspectiva cética de Baudrillard (1991) em relação ao que se concebe como virtual. Na opinião do autor, ambas as categorias são realidades metamorfoseadas, constituindo uma representação transfigurada da realidade em simulacros. Tal como um simulacro da existência que desfigura a essência da vida e das relações humanas, essa concepção possui uma visão crítica em relação à virtualidade que permeia a chamada vida real, sobretudo no que diz respeito ao ambiente virtual das redes sociais de internet.

Colocando o debate filosófico entre parênteses e passando à pesquisa empírica, decidimos perguntar aos usuários do Facebook se, para eles, existia diferença entre o real e o virtual. Nas respostas dos participantes evidenciou-se, de maneira clara, que real e virtual são concebidos como duas categorias distintas, cada uma com suas especificidades, cujas características (atributos) podem ser diferentes e similares. A graduação da diferença varia entre totalmente diferente, ligeiramente diferente e, até mesmo, flexibilidade de fronteiras. Dependendo da intensidade de como se vivenciam as interações nas redes sociais na internet, essas diferenças podem diminuir. A seguir, levamos em consideração alguns fragmentos de discurso de participantes da pesquisa. Todos os nomes citados são fictícios.

Método

Com o objetivo de analisar os sentidos e os significados atribuídos pelos jovens usuários das redes sociais de internet aos ambientes concebidos como real e virtual, selecionamos o Facebook por causa da familiaridade dos

pesquisadores com esse site e por causa de sua inquestionável representatividade em nível mundial. Optamos pelos participantes jovens por ser este um segmento que, atualmente, tem demonstrado crescente interesse na utilização desse meio de comunicação e de interação social.

Nesta pesquisa, utilizamos o instrumental técnico-teórico proveniente da metodologia de pesquisa qualitativa com base na abordagem interacionista simbólica. Os procedimentos de coleta de dados seguiram a prerrogativa da entrevista semiestruturada (Groeben, 1990). Para tanto, efetuaram-se dez entrevistas com dez jovens usuários do Facebook, dos quais cinco são do sexo feminino, e cinco, do masculino, todos residentes em Brasília (DF) e em seu entorno, durante o período de 2010 a 2011.

Os participantes foram convocados pelos pesquisadores para participar da pesquisa de maneira voluntária, e a seleção se deu a partir dos seguintes critérios: idade, sexo e local de residência. Portanto, além da condição de usuários do Facebook, os jovens entrevistados possuem idade entre 19 e 30 anos. O perfil socioeconômico dos participantes não foi considerado.

As entrevistas ocorreram em ambiente restrito e foram gravadas em áudio e logo transcritas. O objetivo dessas entrevistas foi explorar as opiniões sobre a relação entre real e virtual e os significados e sentidos subjetivos (manifestos e latentes) das interações que ocorrem no Facebook. Assim, elaboramos um roteiro com perguntas abertas e fechadas para guiar os investigadores durante a realização das entrevistas e, posteriormente, analisamos as convergências e divergências existentes nas respostas concedidas.

A análise do material obtido nas entrevistas contou com o respaldo interpretativo oriundo de aportes da psicologia social em diálogo com a antropologia sociocultural, com base na técnica de análise de zonas de sentido (González-Rey, 2011). As principais zonas de sentido que emergiram no transcorrer da interpretação dos relatos foram as seguintes: “é mais superficial”; “me sinto diferente”; “a vida real está dentro da rede”; “envolvimento emocional e emoção dos textos”; “não estamos juntos literalmente”; “estar *linkado* com pessoas”. Elas foram agrupadas em tópicos e analisadas com base na convergência de sentidos e de significados atribuídos pelos entrevistados.

O real e o virtual: graduação da diferença e as fronteiras movediças

A principal diferença em relação às interações procedentes do mundo real e do mundo virtual do Facebook foi unanimemente apontada como a presença física, que se mostra diferentemente no território abstrato dessa rede. Porém, outra zona de sentido que emergiu no desenrolar das entrevistas foi a de que aquilo que ocorre no ambiente do Facebook “é mais superficial”. Todos os participantes relataram que as interações mediadas por esse site carecem do chamado olho no olho, da escuta da voz, das expressões faciais, das reações gestuais, do ritmo de cada um e, principalmente, do envolvimento emocional que, supostamente,

estaria ancorado nos encontros presenciais. Por conseguinte, os usuários opinaram que as interações no Facebook tendem a ser mais frias, mais superficiais e até mais levianas, tal como expressa Roberto:

Muita gente leva a rede muito a sério, principalmente a geração que já nasceu dentro da rede e está se construindo dentro da rede e não dentro da sociedade real, sincera, da carne e tudo; a sociedade da relação mais viva, mais intensa. Às vezes, se constrói a vida dentro do Facebook e, a partir do Facebook, se constrói a vida externa, enquanto não deve ser assim... A vida real é a do sentimento; o Facebook é uma consequência; o Facebook vem da vida real e não ao contrário.

Nesse relato, o entrevistado alude à chamada vida real como a vida do sentimento, da sinceridade, da carne, da qual deveriam provir, segundo ele, as relações no Facebook, e não o contrário. A maioria dos participantes mencionou que a superficialidade do que ocorre nesse site está relacionada também ao intento de preservação da intimidade e à procura por diversão, especificidades atribuídas por eles às suas interações no Facebook. Nas palavras de Talita, o virtual é totalmente diferente do real por ser mais superficial e por não ser o cotidiano do convívio:

O virtual é totalmente diferente, é mais superficial, né?! Acho que é mais postando coisas que você pensa, você joga a ideia e a pessoa responde. Ela até pode saber muito como você pensa, mas não é o cotidiano de você conviver. Eu não vejo que haja uma ideia de conviver. E quando você põe, você põe algo mais “geralzão”, não está direcionando a determinadas pessoas.

Nessa opinião, a vida real é o cotidiano e a convivência, diferentemente das interações no Facebook, que seria o lugar no qual você expõe uma ideia e a pessoa responde. Esse relato realça as especificidades: a ausência de presença física e a superficialidade nas interações. Embora tenha uma opinião divergente daquela da maioria dos entrevistados e afirme que há uma forte realidade no ambiente virtual do Facebook, Francisco declara que se sente diferente em ambos os ambientes:

*É ligeiramente diferente, mas eu começo a achar que é uma realidade tão forte que eu não divido mais tanto; eu enxergo cada vez menos essa diferença, porque hoje a gente tem, no celular, a internet, e para saber, por exemplo, se tem “blitz” na rua, as pessoas se comunicam pelo Twitter. Ou seja, as pessoas passam por ali na hora e colocam isso nas redes. Dessa forma, as pessoas andam na rua e consomem internet caminhando. Nas *lan houses*, então, eu acho que tá cada vez mais influente. Mesmo assim, acho que nada pode substituir o*

encontro, a boa e velha conversa; quando temos de resolver questões muito grandes que precisam ser ao vivo, outras que têm de ser por e-mail. Então, eu me sinto diferente quando estou em um e em outro. Posso te dizer que sim.

Para Francisco, as supostas fronteiras entre real e virtual estão cada vez mais tênues, o que chama a atenção por demonstrar a interconexão entre ambos os mundos, pela qual acontecimentos reais podem ser evidenciados também por intermédio do mundo virtual da rede. No que concerne ao sentir, mencionado por Francisco ao final de sua explanação, ressalta-se uma especificidade entre o que se sente nos contatos presenciais, ou face a face, que envolve a presença física, e o que se dá nos contatos virtuais, caracterizados pela mediação de textos e de imagens nos perfis do Facebook. Logo, no que tange à zona de sentido “me sinto diferente”, houve confluência de opiniões acerca de uma suposta proteção oferecida pelos artefatos presentes no mundo virtual, proteção essa que possibilita ocultar, criar e até dissimular sentimentos e emoções devido à ausência da presença física.

Como bem expressa Francisco, esses dois ambientes são apenas ligeiramente diferentes. O entrevistado emprega os termos “ao vivo” para designar as interações no ambiente real ou presencial e “na rede social” para se referir ao ambiente virtual. Para ele, a internet e as redes sociais virtuais são uma realidade tão forte que ele percebe cada vez menos diferença entre esses dois espaços. Ao mesmo tempo, o referido entrevistado não apenas demarca as diferenças na modalidade, como distribui suas atividades e preferências entre os dois ambientes ao afirmar que se sente diferente em ambos. Em uma clara alusão à maneira como ele vivencia esses dois ambientes, inferimos que há uma produção de efeitos distintos na subjetividade dos usuários do Facebook.

O depoimento de Francisco nos ensina também que o grau de diferenciação entre os dois ambientes pode variar de acordo com a intensidade com que se vive um e outro ou os dois simultaneamente. Potencialmente, na perspectiva por ele apontada, os usuários menos frequentes podem conceber o chamado mundo virtual como mais distinto e remoto. De todos os modos, as fronteiras que os separam são flexíveis ou movediças, como veremos a seguir.

As especificidades de cada um dos ambientes: “nada pode substituir o encontro, a velha e boa conversa”

A maioria dos entrevistados alegou que existe uma demarcação de fronteiras evidente entre as redes sociais virtuais e o chamado mundo real, tal como enfatiza Roberto: “*Olha, reforçando o que eu disse, a rede não reflete a vida real, mas a vida real está dentro da rede. Ou seja, a rede não é a vida real, mas a vida real está dentro dela*”. Nesse relato, evidencia-se a alusão direta a uma possível separação entre o virtual e o real. Essa opinião

assemelha-se à maioria das opiniões obtidas nesta investigação e, por vezes, esteve relacionada à pressuposição de que a presença física é a especificidade do que é concebido como real, como vida ou como existente, ratificando a convergência de opiniões acerca de que a vida real está dentro da rede, e não o oposto.

Não obstante essa peculiaridade reiterada nas entrevistas, outro aspecto comparativo que também foi ressaltado pelos participantes e que deu origem à zona de sentido “envolvimento emocional e emoção dos textos” foi elucidado por Francisco. Para ele, há diferença entre ambos os ambientes no que se refere ao processamento das emoções dos participantes:

Quando a gente está numa conversa ao vivo, você tem que se virar com todo o envolvimento emocional que está ocorrendo ali, naquele momento. Na rede social, a gente escreve e tem que lidar com a espera da resposta, isso é um bom teste pra você testar os nervos da pessoa. Dá pra sentir essa emoção nos textos, porque se a pessoa é mais controlada, ela escreve algo mais racional; se ela é mais estourada, ela já escutinha ali mesmo, no texto.

A diferença na vivência da emoção em um e em outro ambiente reside na perspectiva apontada por Francisco: na possibilidade de um controle maior da emoção nas interações sociais realizadas por meio das redes sociais na internet. Em uma conversa ao vivo, a pessoa tem de lidar com todo o envolvimento emocional na maneira como ele está ocorrendo no exato momento da interação. Por sua vez, as interações via Facebook despertam outras emoções não verificadas na vida presencial, como a ansiedade da espera de uma resposta ou de uma reação ao que se postou. Ausência de respostas a um comentário ou demora em responder possuem valor negativo na percepção de vários outros entrevistados, valor esse que demonstra, supostamente, como o outro interlocutor se sentiu diante de uma interação mediada pelo site Facebook.

Francisco opina que, mesmo com essa busca de controle da emoção, os textos escritos deixam transparecer as emoções das pessoas. Ele afirma que a reação depende, em grande medida, do temperamento delas. Segundo ele, se a pessoa for mais controlada, escreve algo mais racional, e se for mais temperamental, “*já escutinha ali mesmo, no texto*”. O texto também pode ser um termômetro da emoção: é possível sentir a reação da pessoa pelos textos, pelo que ela expressa e pela forma como ela se expressa. Essa busca de controle sobre o que se escreve tem uma relação com a alteridade dos indivíduos que participam da rede, sobretudo com a reação do outro frente ao que se posta, com afirma Andressa sobre seu receio de despertar inveja:

No meu caso, eu tenho medo de que o que eu coloque possa causar inveja ou “olho gordo”. Evito colocar muitas coisas para as pessoas não terem esse tipo de sentimento sobre a minha pessoa.

Ao que tudo indica, embora o receio de se expor seja, em alguma medida, generalizado entre os usuários entrevistados, os limites e os graus de exposição são extremamente variados. Nesse sentido, alguns dos entrevistados afirmaram utilizar o Facebook como uma espécie de diário, no qual colocam muitas coisas, incluindo sentimentos, como se sentem no dia a dia, como afirma Carla. Contudo, ela afirma: “é claro que não saio publicando detalhes muito íntimos”. Para ela, a forma de expressar esses sentimentos é por meio de um pensamento, de uma música, de uma preferência literária ou por intermédio de ativismo religioso. Nas declarações de Ana e de Carla, respectivamente:

Gosto de expor como me sinto no dia a dia. Às vezes, coloco algo para que as pessoas saibam como estou. Pode ser um pensamento, uma opinião e até um vídeo ou uma música [de] que eu goste.

Muitas vezes, virou uma forma de “diário virtual”, mas, assim... é claro que eu não saio publicando detalhes muito íntimos, mas algo assim: “que Deus hoje me dê coragem e me dê sabedoria...” Fica uma forma de diário, mas de oração também, sem me expor muito.

Embora a interação via Facebook facilite a expressão de sentimentos, ainda que mais racionalizada, Francisco poderia ser considerado um romântico perante os obcecados pelas relações virtuais. Segundo ele, em que pesce a maior utilização das redes sociais na internet, “nada pode substituir o encontro, a boa e velha conversa”. Essa sensação de Francisco foi compartilhada por muitos outros participantes desta pesquisa.

Além do processamento da emoção, a forma de estar “presente” também tem suas especificidades em um e em outro ambiente. Uma das principais diferenças em relação às interações procedentes do mundo real e do mundo virtual do Facebook unanimemente apontada foi, novamente, a presença física, que seria um diferencial do chamado mundo real e do território abstrato das redes sociais na internet. Ana, uma das entrevistadas desta pesquisa, expressa as maneiras distintas de se sentir *in praesentiae*:

Sim. A diferença é que, no mundo real, você está lá com as pessoas e, no mundo virtual, as pessoas estão lá, e você também, mas não estamos juntos literalmente. É como se estivéssemos todos unidos sem estar, porque a gente conversa, conta as coisas, fica sabendo de coisas sem necessariamente ver as pessoas.

Tornar-se presente e estar na presença de alguém implica a construção de fronteiras cuja passagem ou ultrapassagem carrega o olhar e a expressão do sujeito, que se expressa e expressa seu contexto e seu ponto de vista. Esse ponto de vista, na internet, passa a ser uma “ponte de vista” do sujeito e de suas relações.

Na concepção de Maturana (1997), o corpo é o ponto de encontro entre a dinâmica neurofisiológica e o experiencial-relacional dos seres humanos, em constante interação com o meio. O corpo, para o referido autor, permite conhecer o mundo, pensar e sentir. Nesse ponto de vista, há uma intersecção entre experiência – relação direta do organismo com os objetos, com a cultura, com a natureza e com outrem – e vivência, expressa por meio do sentimento, do pensamento e da linguagem. Ambos se diferenciam pela história de interações procedentes de distintos encontros do organismo com o meio.

Nesse sentido, o que se afirma como importante neste estudo é a sensação que a presença ou a ausência corpórea podem provocar nas pessoas, uma vez que no ambiente real pode-se ter o corpo presente sem as várias formas de expressão e de manifestação da pessoa e, no ambiente virtual, pode-se ter as expressões e as manifestações do sujeito sem a presença corpórea. Cremos que é sobre isso que Ana se reportou em sua entrevista quando afirmou que no Facebook não estamos juntos literalmente. Dito de outra maneira, nesse site, é como se estivéssemos todos unidos, mas sem estarmos, efetivamente, juntos.

Em um primeiro momento, avaliamos que essa perspectiva de Ana confirma aquela postulada por Turkle (2010), capturada na expressão “*alone together*”. Sozinhos juntos, a tradução literal da expressão da autora, remete a um contexto em que cada pessoa, no momento da interação, encontra-se sozinha na frente do seu computador, de seu telefone ou de seu tablet, porém, conectada. Em realidade, essa perspectiva termina por ser outra interpretação do mesmo fato: na imagem proposta por Ana, todos os participantes da rede estão unidos sem estar corporalmente juntos.

Os entrevistados também diferenciaram os dois ambientes – real e virtual – segundo os graus de profundidade e de superficialidade das relações que estabelecem. Como já dissemos acima, a maioria dos participantes mencionou que a superficialidade do que ocorre nesse site está relacionada também ao intento de preservação da intimidade e à procura por diversão, especificidades atribuídas por eles às suas interações no Facebook.

O continuum com realidades justapostas: “a vida real está dentro da rede”, “mas a rede não é a vida”

A perspectiva de uma distinção muito ou pouco significativa entre os ambientes real e virtual foi expressa por muitos entrevistados. Eles ofereceram três dimensões da relação entre esses dois ambientes: a de internalidade à rede, a de externalidade à rede e a de continuum, ou justaposição, entre esses dois ambientes.

Na perspectiva apresentada em seu depoimento, Roberto afirma a existência de relações de internalidade e de externalidade entre os ambientes real e virtual, os quais ele denomina de “sociedade real” e “rede”, respectivamente. Cada um desses ambientes possui uma dimensão

interna e outra externa. Assim, para ele, grande parte das pessoas da geração que nasceu dentro da rede e que está se construindo dentro dela termina por modelar sua vida externa (fora das redes sociais na internet) com base no que vivenciam no Facebook.

A dimensão de continuum, por sua vez, vem de expressões como a de Mônica, para quem o Facebook (internet em geral) ajuda a manter as pessoas conectadas com outras pessoas. Nesse sentido, Francisco afirma que as pessoas consomem serviços de internet e se comunicam com os demais enquanto caminham, seja por meio de textos e de informações, ou por meio de imagens. As pessoas conversam on-line e, depois, reúnem-se para conversar, para protestar ou para trabalhar. De tal modo, mais que uma separação ou um paralelismo entre o real da vida e o virtual do Facebook, há um continuum entre real e virtual, tal como no chamado Efeito Moebius apontado por Lévy (1996), que está associado a uma passagem do interior ao exterior e vice-versa: “Esse Efeito Moebius declina-se em vários registros: o das relações entre público e privado, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor, etc” (p. 24). Portanto, essa relação entre realidade e virtualidade, entre interior e exterior e vice-versa manifesta-se nas interações, virtualiza o real e atualiza o virtual no Facebook, em um movimento dialético e contínuo, cujos suportes físicos são os textos e as imagens que configuram os perfis e que propiciam interações.

A ideia de justaposição fica evidente, como já mostramos na fala de Roberto e de Francisco que, como os outros entrevistados, constataram que há algo do real no mundo virtual do Facebook, ainda que seja uma parcela ou uma parte. Para Francisco, o mundo virtual “é um tesourinho, uma coisa [em] que você tem uma boa parcela do seu mundo pra você ir lá e olhar quando quiser.” Ao mencionar que uma boa parcela de seu mundo (real) está lá dentro, Francisco remarca a definição territorial entre dentro e fora e demonstra seu entendimento de que sua vida, ou seja, o que ele concebe como real está fora, e de que o Facebook contém apenas parcelas dela, portanto, do real.

Ambos os relatos dão significado à zona de sentido “a vida real está dentro da rede”. A vida real é o que os participantes associaram aos contatos, aos registros (imagens e textos), às agendas e aos serviços que o Facebook armazena, por meio dos quais permite a interação entre os usuários. A congruência desses sentidos denota que o mundo real é concebido como presença física, em que pese a evidência de que a vida real está no interior da rede e de que essa presença demarca as supostas fronteiras entre o ambiente real e virtual. Como também menciona Mônica: “Você pode simplesmente deixar uma mensagem, e mesmo assim você já está mantendo um contato, independentemente de ela [o interlocutor] estar presente ou não nesse momento”. Logo, há um contato e um lugar em que se dá esse contato, o Facebook, mas não há presença, o que implica essa territorialidade abstrata do Facebook pela qual emanam sentidos com base em uma concepção de que a

vida real está dentro da rede, mas a rede não é a vida, tal como alegou Francisco.

Lévy (1996, p. 24) assinala que o movimento de desterritorialização, comumente associado ao ambiente virtual, é vinculado ao Efeito Moebius, o que de fato condiz com a opinião dos usuários de que o real está dentro do Facebook e vice-versa. No entanto, os participantes não concebem integralmente como real o que ocorre por intermédio de redes como o Facebook, mas somente como parcela dessa realidade. Com efeito, infere-se que a territorialidade abstrata do Facebook propicia interações que tendem a engendrar vivências e experiências, independentemente da ausência física do corpo biológico, como explicam, detalhadamente, Axt e Schuch (2001):

No domínio do organismo vivente, em que os sistemas nervoso e cerebral se encontram em atividade e suportam os encontros organismo-meio, toda atividade e todos os encontros pertencentes à mesma classe de eventos, como dirá Maturana, seriam vivenciados como equivalentes – isto poderia incluir, por hipótese, as vivências em ambientes de realidade virtual, na forma de certa sentimentalidade ou possibilidade; pois, uma vez satisfeitas, por deslizamento a esta outra realidade, as condições organismo-meio de correspondência/acoplamento estrutural, ao organismo caberia vivenciar tais encontros como similares àqueles referentes aos eventos vivenciados no meio concernente à realidade dita objetiva ou concreta. (p. 18, itálicos nossos)

A expressão dessa continuidade pode ser verificada nas palavras de Mônica, a qual ressalta que as redes sociais facilitam a uma pessoa estar conectada, o que é, segundo suas respectivas significações e sentidos: estar inserido; participar; comunicar-se; fazer parte; manter contato; saber o que as pessoas estão fazendo; não ficar de fora. Ela concebe a participação no Facebook ou no Orkut como um tipo de inserção social:

É conseguir estar “linkado” com pessoas que não estão aqui ou com pessoas que eu não vejo há muito tempo. Então, isso eu acho bacana, o fato de você realmente fazer parte de um todo que existe e, quando você fica fora, as pessoas te dizem: “Como vou falar com você?” ou “Eu não falei com você porque eu conversei pelo Orkut ou pelo Facebook, e você não fazia parte, por isso que você não ficou sabendo”. Então, eu acho que realmente é um tipo de inserção social. (Mônica)

Corroborando a perspectiva apresentada por ela, Carla concebe a relação entre sociedade virtual e real quase que de maneira simbiótica. Para ela, a inserção na sociedade virtual se transforma quase que em uma condição de inserção na sociedade real:

Você tem que estar inserido nas novas tecnologias para estar inserido nessa sociedade virtual e na própria sociedade real, porque quando você se senta num barzinho ou numa festa de familiares, o que as pessoas comentam hoje é sobre a nova tecnologia. Se você não souber, é como eu te disse: você se torna um analfabeto virtual. (Carla)

A opinião de Carla corrobora o fato de que, atualmente, ambos os mundos estão interligados e se favorecem mutuamente no que concerne às necessidades da vida em sociedade nos conglomerados urbanos. A entrevistada menciona que aquilo que as pessoas comentam, hoje, é a nova tecnologia:

Da mesma maneira que, antes, a gente falava assim, que você está inserido no social quando você sai com os seus amigos de faculdade e vai pra um barzinho e que você tinha uma rede de amigos, uma rede social com quem você saía, hoje, se você está no Facebook, você está inserido em uma rede virtual. Se você não tem contato com essas redes sociais da internet, não sabe manipular a internet, não sabe procurar, enfim, você não precisa estar em contato com todas essas redes sociais, mas se você não tem contato com algumas delas... é algo até feio que vou dizer, mas você é um analfabeto virtual. (Carla)

Nos dois trechos elencados, Carla utiliza a expressão “analfabeto virtual” para se referir ao modo como uma pessoa pode ser classificada por estar excluída ou por excluir-se do contexto das relações interpessoais virtuais por causa da não utilização de sites como o Facebook. Essa pode ser uma opção pessoal que pode não acarretar prejuízos na vida interpessoal de um indivíduo. Porém, considerando que, na atualidade, existe uma complementaridade entre o mundo virtual da internet e o conhecido mundo real, o indivíduo que opte por não utilizar redes como o Facebook pode, de certa maneira, sentir-se excluído de determinados grupos ou mesmo do que ocorre na sociedade contemporânea em determinadas ocasiões.

Nesse contexto, outro fator não menos relevante é a coerção mercadológica exercida por meio das redes sociais da internet. Segundo Sodré (2002/2013), a reprodução e a diversificação do mercado e do consumo em um mundo em que prevalece o capitalismo globalizado acarretam transformações significativas no modo de presença do indivíduo no mundo contemporâneo. Para sentir-se incluído e participar do contexto das interações sociais nessa perspectiva, implica consumir objetos e serviços oferecidos pelo mercado, bem como participar das mais diferentes atividades e dos ambientes criados para que tais atividades se desenvolvam. A opção ou recusa do uso dessa tecnologia pode também, nesse sentido, ser uma opção ou recusa política, uma recusa, por exemplo, contra a normatização das formas de sociabilidade constituídas pelas redes, nesse

caso, o Facebook. Por isso, é importante ressaltar a possibilidade de que existam opções e recusas baseadas em formas de luta e de resistência contra normatizações e naturalizações de fenômenos sociais, políticos e econômicos impostos por essa modalidade de interação nas redes.

Após considerar também essa realidade, reiteramos que o aspecto mais acentuado no relato mencionado é o significado da zona de sentido “estar *linkado*”, que emerge com a denotação de estar inserido no social. Com efeito, a participação nas redes sociais virtuais produz uma sensação real e verdadeira de pertencimento a um grupo de afinidades. Embora seja evidente a relação de continuidade entre esses dois mundos, o mito de origem está claro na perspectiva de Roberto de que o Facebook vem da vida real e não o contrário, ou de que o Facebook é, ou deveria ser, uma consequência da vida real.

A presença física, a visibilidade corpórea, a territorialidade abstrata e as formas de estar no ambiente sensório

O fato de nossos entrevistados conceberem o real como o mundo de carne e osso, de sentimentos, confirma a força explicativa do paradigma do que seja o real e o virtual, e vem matizando o debate desde o advento da internet: a presença física (geralmente associada ao real) e a ausência dela (comumente relacionada ao plano do virtual) são atributos importantes na caracterização desses dois ambientes.

Chama a atenção, na perspectiva dos entrevistados, que o mundo virtual, embora, de certa maneira, integrado na vida real e considerado nas suas potencialidades de unir pessoas e de inseri-las socialmente, é visto de maneira ambivalente: ele é, também, mais frio e racionalizado, mais superficial e menos sincero. Vis-à-vis o virtual, o mundo real parece ainda mais confiável e, ao que tudo indica, esse sentimento é em grande medida baseado na materialidade da presença física. Essa perspectiva encontra correspondência no debate acadêmico, sendo um indicador do seu status: a dificuldade de se caracterizar distintivamente os dois ambientes e a ruptura com o paradigma da presença física na definição do que seja real.

Contudo, analisando a fala de alguns entrevistados de maneira mais dialética sobre o potencial das interações via redes sociais – estar todos unidos sem estar literalmente juntos –, encontramos elementos para argumentar a favor da ideia de que, nos dois mundos, as pessoas estão presentes de maneiras distintas. A possibilidade da existência da expressão da pessoa sem a presença do corpo aponta para a questão da visibilidade/invisibilidade corpórea, para as formas de estar presente sem a materialidade física. Por essa razão, evitamos utilizar a ausência de presença física para caracterizar as relações nas redes sociais facilitadas pela internet, pois o que difere, nos ambientes virtual e concreto, não é a ausência em si mesma, mas a forma da presença. Os corpos dos interlocutores podem estar invisíveis, mas as pessoas estão presentes nas imagens, nos textos, customizadas em seus perfis.

Creamos que a concepção da internet não como um transporte para outro mundo, mas como um dispositivo ou como uma prótese interativa, pode contribuir na defesa do nosso argumento. Na opinião dos mais críticos, o advento da internet instaurou dispositivos que funcionam como próteses interativas em sua própria vivacidade, as quais exaltam as ferramentas e os recursos existentes no território virtual em detrimento do corpo locomotor como localidade representável do ser no mundo (Virilio, 1993). Nessa mesma linha de raciocínio, a concepção ontológica da vida transfigura-se em simulacros que são admitidos como reais e que tendem a fomentar a concepção de que a vida é uma simulação, quitando-lhe, assim, a verdadeira essência que acomete a todos como seres vivos (Baudrillard, 1991).

Sob essa ótica, vale ressaltar a opinião de Wunenburger (2006), o qual considera que o corpo biológico é defraudado pelo paradigma científico-tecnológico, sendo esse paradigma o responsável por promulgar práticas que se guiam pelo desejo de metamorfose de si, de escape da finitude do ser e de acesso a estados ontológicos distintos. Dessa forma, tal como na concepção de Baudrillard (1991), ocorre, então, uma sobrematerialização do corpo (tatuagens, próteses, dopagens) e uma desmaterialização desse mesmo corpo (corpo glorioso, imagem e síntese). Com base nesse posicionamento teórico, o território abstrato do ambiente virtual funciona somente como um meio para que as pessoas simulem e criem o que poderíamos chamar de relação imaginária consigo mesmo, com o corpo, com o mundo circundante e com a alteridade.

Sobre esse processo de virtualização, Lévy (1996) assinala que o corpo sai de si mesmo e adquire novas velocidades, conquista novos espaços, revertendo a alteridade biológica em subjetividade concreta: “Ao se virtualizar, o corpo se multiplica. Criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso universo sensível sem nos impor a dor” (p. 33). Segundo Lévy (1998), nesse processo de virtualização o homem é convidado a passar ao outro lado da tela e a interagir com modelos digitais ao mesmo tempo que a realidade é ampliada pelos dispositivos eletrônicos que passam a fazer parte do cotidiano, como os celulares, as câmeras e os computadores, que estão interligados, que se comunicam entre si e que nos remetem aos ambientes virtuais. Há, portanto, uma desterritorialização de localidades físicas e geográficas que nos remete a uma nova territorialização no Facebook, que por sua vez implica-nos nessa conexão respaldada não somente pelos artefatos e pelos dispositivos que lhe oferecem uma suposta materialidade, mas também pela subjetividade que, interconectada em um nível muito mais amplo, permite que as vivências, os sentidos e os significados sejam compartilhados por meio de narrativas e de recursos audiovisuais.

O que está acontecendo na rede é real

Se o mundo virtual não se caracteriza pela ausência de presença, mas pela invisibilidade corpórea e pela

presença das expressões pessoais dos indivíduos, poder-se-ia dizer que o que ocorre no site Facebook não existe? Ao contrário, pode-se dizer também que o que está acontecendo na rede social na internet é um componente da vida real. Por consequência do uso massivo de sites como o Facebook, que atualmente possui um número de aproximadamente um milhão de usuários oriundos de distintas partes do planeta Terra, presume-se que o que ocorre nesse âmbito será paulatinamente concebido como algo pertencente ao chamado mundo real. O que ocorre no mundo virtual, portanto, existe de fato. Essa assertiva é sustentada não somente pela suposta materialidade que os textos e as imagens adquirem nos perfis e nas postagens, mas também pelo universo subjetivo de pessoas que se comunicam e que se relacionam por intermédio desse site. Sendo assim, se pensarmos que “O universo subjetivo no qual vivemos imersos é tão real quanto o mundo objetivo no qual trabalhamos e agimos” (Giannetti, 1997, p. 9), pode-se compreender que a facticidade das atividades e das coisas que concebemos como real depende de nossa percepção e da nossa memória para que sejam consideradas reais (Bergson, 1957) e, ainda, do consenso legitimador gerado pelo *habitus*, pelo olhar do outro e pelo compartilhamento dentro do grupo social (Bourdieu, 1977).

Segundo a opinião dos usuários do Facebook, nesse ambiente há percepção, há memória e há consenso que trazem legitimidade para que o que ocorre ali seja designado como real. Portanto, a subjetividade dos utilizadores é a ponte ou o elo que vincula o virtual ao real e vice-versa, transformando as supostas fronteiras entre ambos em fronteiras movediças: a despeito das especificidades e das diferenças entre ambos os ambientes, eles tendem a se coadunar, a se aleijar e até a se mesclar conforme a articulação subjetiva realizada pelos usuários interconectados.

Reitera-se que os usuários têm vivências expressas por meio do sentimento, do pensamento e da linguagem nas interações no Facebook; vivências que ocorrem de forma análoga às vivências no mundo conhecido como real. González-Rey (2011) afirma que o sistema subjetivo é aberto, abrangente, irregular e influencia as diversas experiências humanas, conformando um processo configurado pela multiplicidade de produções de uma sociedade. Na medida em que esse tipo de interação se torna parte da experiência humana cotidiana, que vem se constituindo em uma prática social ou em um novo *habitus* (Berger & Luckmann, 1985; Bourdieu, 1977), ele se transforma também em produtor de subjetividades.

Considerações finais

Nas entrevistas, destacou-se a concepção de que o plano físico-corporal é tido como referência para identificar o que se sente nas interações entre seres humanos. Apesar de os entrevistados afirmarem ser mais superficial o que ocorre no Facebook e mais real o que sentem quando em presença física imediata, eles também mencionaram que sentem e que se emocionam pelo que veem e pelo que fazem no site. Isso nos conduziu a indagar mais a respeito dessa forma de sentir.

Sentir por meio de textos e de imagens não difere em demasia de sentir pelo que uma música ou um aroma, por exemplo, nos provocam, ou então por meio de uma lembrança ou de um pensamento. O que marca a diferença, nesse caso, é a interação com os dispositivos e os recursos que mediam o contato entre os seres humanos e a vida. Se isso é realmente uma diferença ou se isso repercute na produção subjetiva, ainda precisamos investigar mais. Contudo, já possuímos algumas evidências, como as que ressaltaram os participantes

da investigação que originou este trabalho. Em síntese, os indivíduos que participam das redes que se conformam por intermédio do site Facebook estão imersos nesse ambiente de produção subjetiva pelo fato de estarem interatuando com outros que se conectam desde localidades distintas e expressam o que sentem, pensam e desejam. Essa subjetividade que é trama em rede deu origem ao que Nicolaci-da-Costa (2005) vem denominando de uma “nova configuração psíquica”, que precisamos compreender melhor.

Opacity of the boundaries between real and virtual worlds from the perspective of Facebook users

Abstract: This article analyzes the relationship between the real and virtual worlds from the perspective of young users of the world's largest social network, Facebook. To achieve the objective, this research involved conducting semi-structured interviews with ten young male and female users of the network who were residing in the Brazilian Federal District. Data were analyzed from an interdisciplinary perspective, particularly supported by interpretive theories derived from Social Psychology and Sociocultural Anthropology. It was evident that participants conceive these two categories as distinct from one another, each with its own peculiarities, but maintaining relationships of similarities and differences. A further observation was that the subjective experiences of the research subjects ended up creating a kind of continuum whose existence is juxtaposed between each of these environments, with the boundaries between them becoming opaque or shifting.

Keywords: Facebook, subjectivity, social, real, virtual networks.

Opacité des frontières entre réel et virtuel dans la perspective des utilisateurs de Facebook

Résumé: Cet article analyse la relation entre le monde réel et le virtuel dans la perspective des jeunes utilisateurs du plus grand réseau social du monde : le Facebook. Pour atteindre cet objectif, cette étude a interrogé, avec d'entretiens semi-structurés, dix jeunes utilisateurs du réseau, des deux sexes, résidants au District Fédéral brésilien. Les données ont été analysées dans une perspective interdisciplinaire, particulièrement soutenue par les théories interprétatives issues de la Psychologie Sociale et de l'Anthropologie Socioculturelle. Il est devenu évident que les participants conçoivent ces deux catégories en tant que distinctes l'une de l'autre, à la mesure où chacune comporte ses propres particularités et ses relations de différence et de similarité. Il a également été constaté que les expériences subjectives des sujets de recherche finissent par créer une sorte de continuum, dont l'existence est juxtaposée entre chacun de ces environnements et deviennent opaque ou déplace des frontières entre eux.

Mots-clés: Facebook, subjectivité, réseaux sociaux, réel, virtuel.

Opacidad de las fronteras entre real y virtual en la perspectiva de los usuarios del Facebook

Resumen: Este artículo analiza la relación entre el mundo real y el virtual desde la perspectiva de los jóvenes usuarios de la mayor red social del mundo, el Facebook. Para lograr el objetivo, se entrevistó, mediante entrevistas semi-estructuradas, diez jóvenes usuarios de la red de ambos los sexos residentes en el Distrito Federal. Los datos fueron analizados desde una perspectiva interdisciplinaria, particularmente apoyada en teorías interpretativas oriundas de la psicología social y antropología sociocultural. Se evidenció que los participantes conciben a estas dos categorías como distintas una de la otra, pero manteniendo relaciones de similitud y diferencia. Se observó, además, que las vivencias subjetivas de los sujetos de la investigación terminan creando una especie de *continuum* cuya la existencia se encuentra yuxtapuesta entre cada uno de estos ambientes, convirtiendo en opaca o movediza las fronteras entre ellos.

Palabras clave: Facebook, subjetividad, redes sociales, real, virtual.

Referências

Axt, M., & Schuch, E. M. M. (2001). Ambientes de realidade virtual: que real é este? *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 5(9), 11-31.

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Lisboa, Portugal: Relógio d'água.

Berger, P., & Luckmann, T. (1985). *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bergson, H. (1957). *Écrits et paroles*. Paris, France: PUF.

Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Castells, M. (1996). *The rise of the network society*. Cambridge, England: Blackwell.

Deleuze, G. (1996). O atual e o virtual. In E. Alliez, *Filosofia virtual* (E. B. S. Rocha, trad., pp. 47-58). São Paulo, SP: Editora 34.

Durand, G. (2002). *Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Giannetti, E. (1997). *Auto-enganho*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

González-Rey, F. L. (2011). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo, SP: Cengage Learning.

Groeben, N. (1990). Subjective theories and the explanation of human action. In G. R. Semin & K. J. Gergen (Orgs.), *Everyday understanding social and scientific Implications* (pp. 19-44). London, England: Sage.

Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (M. S. C. Shuback, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1926).

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual* (P. Neves, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.

Lévy, P. (1998). *A inteligência coletiva: por uma antropologização do ciberspaço*. São Paulo, SP: Loyola.

Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. (2a ed., C. I. da Costa, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.

Maturana, R. H. (1997). *La realidad: objetiva o construida? Fundamentos biológicos del conocimiento*. Ciudad de México, México: Universidad Iberoamericana.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal: a qual dar crédito? *Estudos de Psicologia*, 7(1), 25-36.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2003). Ciberspaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(2), 66-75.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica”. *Caderno Cedes*, 25(65), 71-85.

Serres, M. (1994). *Atlas*. Paris, France: Julliard.

Sodré, M. (2013). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede* (8a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Turkle, S. (2010). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. New York, NY: Basic Books.

Virilio, P. (1993). *Espaço crítico e as perspectivas do tempo real* (P. R. Pires, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.

Wunenburger, J. J. (2006). O arquipélago imaginário do corpo virtual. *Alea: Estudos Neolatinos*, 8(2), 193-204.

Recebido: 01/10/2013

Revisado: 15/10/2014

02/04/2015

Aceito: 06/05/2015